



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

CARTOGRAFIAS E NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE **PROFESSORAS NO AEE: A interface raça/cor e deficiências em escolas de** **comunidades quilombolas**

Julia Mel Silva Santana¹; Charles Maycon de Almeida Mota²

1. Julia Mel Silva Santana, PIBIC/FAPESB, PSICOLOGIA, e-mail: melljulia59@gmail.com

2. Charles Maycon de Almeida Mota, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: cmamota@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias docente. Narrativas de formação. Educação
Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Em sociedades que foram profundamente forjadas na experiência colonial, como é o caso da organização social brasileira, os marcadores raça/cor relacionados à origem étnica negra sinalizam para uma leitura onde essa corporeidade é constante e historicamente alvo de práticas e discursos tomados de inferiorização e não reconhecimento da humanidade, tal como afirma Sueli Carneiro (2023, p. 86), nos domínios dos “extermínios, homicídios, assassinatos físicos ou morais, pobreza e miséria crônicas, ausências de políticas de inclusão social, tratamento negativamente diferenciado no acesso à saúde”. Se redimensionarmos a questão da raça/cor atrelada à dimensão das deficiências, podemos visualizar mecanismos muito mais complexos que tangenciam e fomentam um tratamento de negação a essas existências. Dessa forma, esse estudo justifica-se pela necessidade de compreender as complexas teias de intersecção entre raça/cor e deficiência nas escolas de comunidades quilombolas, historicamente marginalizadas e subalternizadas em sua afirmação como territórios tradicionais. Essa demarcação política-geográfica nos faz refletir profundamente sobre a complexidade das interseções que influenciam esses corpos. A presente pesquisa, pretendeu adentrar os espaços escolares, realizando cartografias de narrativas (auto)biográficas docentes, com a finalidade de identificar e analisar de que forma os docentes, que estão inseridos no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em escolas quilombolas, são atravessados pela educação inclusiva e pela concepção de interseccionalidade, de maneira com que suas práticas pedagógicas expressem e externalizem isso.

METODOLOGIA

Os/as colaboradores/as da pesquisa foram as professoras e professores que atuam com estudantes com deficiência nas salas de recursos multifuncionais em escolas públicas de comunidades quilombolas no município/distrito de Feira de Santana/BA.

Por permitir a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, assim como, viabilizar o aprofundamento da observação do fenômeno estudado, esta pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa (MINAYO, 2008). O desenho metodológico desta pesquisa aproveitou-se da Pesquisa Narrativa com enfoque biográfico-narrativo, onde foram realizadas entrevistas narrativas com as docentes que atuam na sala de recursos multifuncionais e que desenvolvem o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Outro elemento que integra a estrutura metodológica que guiou a sistematização desta pesquisa, fundamentou-se na análise compreensiva-interpretativa de narrativas, por se afirmar enquanto possibilidade para construção de um paradigma epistemológico que nos convida a explorar as dimensões subjetivas dos sujeitos imbricadas em suas trajetórias, experiências de vida, e, que estão conectadas com suas concepções de mundo e um fazer docente repleto de sentidos e significados (MOTA, 2022). Ademais, tornou-se fundamental propor a interseccionalidade como uma ferramenta analítica capaz de captar os múltiplos atravessamentos que perpassam pelas vivências das docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para produzir os dados a partir da narrativa da docente, foi estabelecido de antemão dois eixos disparadores. O primeiro eixo foi: 1) Gostaria que narrasse sobre seu percurso de vida-formação-profissão; e o segundo: 2) Agora, poderia contar um pouco sobre como seus percursos de vida-formação-profissão consideram ou não a interface raça/cor e inclusão. No momento em que falou sobre a experiência no cenário do AEE, a professora expressou que ao fazer a especialização no AEE, não tinha por objetivo atuar no AEE, só havia realizado o curso para obter mais conhecimento. No entanto, ela se sensibilizava com os alunos com deficiência e transtornos no ambiente escolar, de forma com que essa sensibilidade se tornou uma preocupação, a qual a incentivou a realizar a formação em AEE, e à medida que ia se aproximando da realidade dos alunos, se tornava mais aberta, e melhorava na forma de lidar com eles. *“Foi quando, e nesse meio tempo, em 2018, eu resolvi fazer a especialização em AEE. Eu já tinha aqui, na labuta aqui, eu já tinha um olhar para esses estudantes. Junto com os professores, com os pais, no pátio, eles sempre vinham até a mim. Eu sempre ia até*

ele, parecia um ímã” (Narrativa da professora, 2025). E apurando seu olhar para as condições dos estudantes, começou a gostar cada vez mais da área. Foi então que uma das professoras que trabalhava na Sala de Recursos Multifuncionais teve que sair e deixou a vaga em aberto na escola, e a diretora sabendo da especialização da professora, incentivou-a a ocupar a vaga, reconhecendo o olhar sensível que ela tinha. Ela aceitou e começou a sua jornada desenvolvendo o AEE, atuando na sala de recursos multifuncionais.

Em relação às questões étnico-raciais, a professora narrou que havia uma outra professora de História, que atuou com ela e foi sua colega de trabalho na escola, que a despertou para a ação nesse cenário. *“Ela era muito preocupada com essas questões, muito atuante. E aí, nas ACS, nas reuniões, né? Ela falava muito sobre as questões quilombolas. Aqui, [...] não era nem ainda reconhecida como comunidade quilombola, mas ela já sabia dessa luta. [...] Todo projeto ela insistia para a gente colocar. A gente ia colocando e acabou que começamos a fazer isso automaticamente, né? Começamos a trabalhar isso com os alunos, né? E, na verdade, eu comecei a me trabalhar, porque ela começou a me despertar, essa professora. E pronto, até hoje aqui na escola”* (Narrativa da professora, 2025). Desse modo, relacionando a narrativa da professora ao contexto da educação na comunidade quilombola, é fundamental compreender que a iniciativa de incentivar a mudança na dinâmica escolar, e sobretudo no currículo escolar, é importante para que sejam minimizadas as discrepâncias e desigualdades políticas, econômicas e sociais que cercam e envolvem sócio-historicamente os quilombos — sendo estes locais que reúnem um legado de resistência e perpetuação de saberes, manifestações e conhecimentos culturais essenciais para a composição do Brasil como um país pluridiverso e multifacetado.

Alinhando a sua prática ao marcador social da deficiência, a professora narrou, inicialmente, que seu exercício na perspectiva da Educação Inclusiva surgiu antes da sua inserção no desenvolvimento do AEE em si. Quando atuava nas salas regulares da escola, ela já tinha experiências de inclusão. *“Então, tudo isso também foi no chão da escola. Tudo que eu aprendi. Mas, assim, o olhar, a questão da inclusão. Eu já fazia intuitivamente. Sempre tive essa sensibilidade de fazer na sala de aula. Por exemplo, trazer o aluno para mais perto de mim. Ia lá na cadeira dele. [...] Nenhum aluno com deficiência ou com muita dificuldade nunca passou despercebido para mim. Sabe?”* (Narrativa da professora, 2025). No contexto da atuação da professora que narrou sua atitude em se aproximar dos alunos, aumentando sua percepção sobre as dificuldades individuais e sociais que porventura ele poderia ter dentro da sala regular,

como também, sobre as potencialidades e especificidades fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem daquele aluno.

Por fim, a professora narra a profundidade da atuação no AEE, que longe de ser um trabalho sustentado por métodos, técnicas e práticas enrijecidas, tem a presença do afeto e atitudes motivacionais, que abrangem tanto o aluno como a docente. Quando ela analisou sobre experiências que marcaram seu trabalho, ela relatou uma situação muito importante: *“Então, assim, quando eu vi as mães emocionadas, quando eu vi as mães, meu Deus, agradecidas pelo trabalho da gente [...] Que eu me senti importante, sabe, que eu vi que eu tava fazendo certo [...] é uma construção, só que é pouquinho, pouquinho, pouquinho, e nesse pouquinho, pouquinho, pouquinho, no trajeto você se sente potente* (Narrativa da professora, 2025). Nesse contexto, Battistel (2014) discute que a pessoa com deficiência não pode ser vista como não capaz, e sim como um sujeito singular, sendo assim, a compreensão de deficiência não deve ser patologizante, ela deve ser compreendida como uma condição. Além disso, é importante que se propicie um espaço adequado para o seu desenvolvimento saudável. E tal adequação, transcende os aspectos relacionados à acessibilidade física, concerne à um ambiente marcado pelo acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a pesquisa demonstrou que a efetividade da inclusão depende da inter-relação entre teoria, prática docente, políticas públicas, percepção e análise crítica do contexto sócio-histórico e participação familiar, confirmando que a atenção às experiências de vida-formação-profissão das docentes contribui para a produção de conhecimento epistemológico, que tem por finalidade fomentar a reflexão e o debate profissional, e assim, consolidar práticas pedagógicas que promovem um ambiente educativo mais justo, equitativo e plural, capaz de garantir acesso, permanência, reconhecimento e emancipação aos estudantes com deficiência.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Sueli Carneiro. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MOTA, C. M. de A. **Ser-na-roça: ruralidade da presença e experiências do ser-docente**. 2022. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2022.
- BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares. **Deficiência física**. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia (orgs.). Atendimento Educacional Especializado: contribuições para a prática pedagógica. p. 112-151. Marília: ABPEE, 2016.